

DAS BORDAS PARA O CENTRO: AS CONTRIBUIÇÕES DE CLÁUDIO CARDOSO (1962-2020) PARA A LITERATURA DE CORDEL NO PARÁ NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

FROM THE EDGES TO THE CENTER: THE CONTRIBUTIONS OF CLÁUDIO CARDOSO (1962-2020) TO CORDEL LITERATURE IN PARÁ IN THE FIRST TWO DECADES OF THE 21ST CENTURY

Geraldo Menezes Neto
Belém/Pará - Brasil

Resumo

Nas primeiras décadas do século XXI, a produção da literatura de cordel no Pará ganha um novo impulso com uma nova geração de poetas. Quem assume importante papel nesse contexto é Cláudio Cardoso Costa (1962-2020). Cardoso teve uma atuação importante em prol do cordel no Pará, sendo um dos criadores do “Encontro dos Cordelistas da Amazônia”, realizado anualmente na Feira Pan-Amazônica do Livro em Belém e um dos fundadores e presidente da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Além disso publicou folhetos de crítica social, se apresentando como um porta-voz de denúncia contra as mazelas da cidade, seguindo uma tradição de poetas que se viam como representantes do povo e tinham a função de expor as angústias da sociedade. Desse modo, o artigo analisa a trajetória e produção de Cláudio Cardoso no cordel paraense.

Palavras-chave: Bordas; Literatura de cordel; Pará.

Abstract

In the first decades of the 21st century, the production of Brazilian cordel literature in Pará state gained new momentum with a new generation of poets. The person who plays an important role in this context is Cláudio Cardoso Costa (1962-2020). Cardoso played an important role in favor of cordel in Pará, being one of the creators of the “Encontro dos Cordelistas da Amazônia”, held annually at the Pan-Amazonian Book Fair in Belém and one of the founders and president of the Academia Paraense de Literatura de Cordel. Furthermore, he published booklets of social criticism, presenting himself as a spokesperson denouncing the city's ills, following a tradition of poets who saw themselves as representatives of the people and had the function of exposing society's anxieties. In this way, the article analyzes the trajectory and production of Cláudio Cardoso in the Pará cordel.

Keywords: Edges; Cordel Literature; Pará state.

Introdução

“Se o cordel hoje em Belém tem esse poder, tem essa força, é graças ao Cláudio Cardoso.”
(Mendes apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

A chamada literatura de cordel surge em seu formato impresso no Nordeste do Brasil no final do século XIX. O principal nome deste contexto é o do poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que viveu de sua produção, inicialmente na Paraíba, depois em Recife, sendo considerado o “pai da literatura de cordel”. Ao longo do século XX o cordel vai se expandir para as outras regiões do Brasil.

O cordel chega à Amazônia no final do século XIX e início do XX com a migração nordestina para a região, migração esta influenciada pelo auge da economia da borracha (1870-1910). Muitos nordestinos vão para os seringais para trabalhar como seringueiros na extração da borracha, outros permanecem nas capitais como Belém e Manaus. Segundo Vicente Salles, como essa migração nordestina criou um “mercado consumidor de poesia em potencial, a chamada literatura de cordel também se espalhou largamente.” (Salles, 1971, p. 95). Esse mercado consumidor em potencial vai estimular o Pará a ter uma editora própria de folhetos, a editora Guajarina, fundada no ano de 1914 pelo pernambucano Francisco Lopes. Salles considera a Guajarina como “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel.” (Salles, 2000, p. 9).² A Guajarina vai ficar em atividade até o ano de 1949, concorrendo com as grandes editoras de folhetos do Nordeste, como a tipografia de João Martins de Athayde, no Recife.

Na segunda metade do século XX o cordel paraense se interioriza, com poetas produzindo de forma independente em cidades do nordeste paraense, como Castanhal e Santa Izabel do Pará, e no sul e sudeste do estado, em cidades como Marabá e Altamira. Temas como a construção da rodovia Transamazônica, o ouro da Serra Pelada e os conflitos agrários são abordados nos folhetos deste período. (Salles, 1985).

Assim, na virada para o século XXI, o cordel conta com uma rica trajetória no estado do Pará, com editoras e poetas demonstrando que na Amazônia também se produz e se lê

² Nesse momento surge o que Vicente Salles aponta como a “primeira geração” dos poetas paraenses que escreviam folhetos de cordel: Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa, Arinos de Belém e Zé Vicente. Com exceção de Apolinário de Sousa, todos os outros poetas utilizavam pseudônimos, o que é uma particularidade dos poetas paraenses, ao contrário dos poetas do Nordeste, que não recorriam a esse procedimento. Assim, Ernani Vieira era o pseudônimo de Ernesto Vera; Dr. Mangerona-Assu era o pseudônimo de Romeu Mariz; Arinos de Belém era o pseudônimo de José Esteves; e Zé Vicente era o pseudônimo de Lindolfo Mesquita. (Salles, 1985, p. 165).

literatura de cordel. No entanto, nesse novo contexto, uma nova história passa a ser contada em poesias e versos com uma nova geração de poetas. Um nome importante para se entender o contexto do cordel paraense nas duas primeiras décadas do século XXI é o de Cláudio Cardoso de Andrade Costa (1962-2020), também conhecido como Seu Cardoso. Poeta, editor, vendedor de folhetos, organizador de eventos e primeiro presidente da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC), não é possível falar do cordel paraense nessas primeiras décadas do século XXI sem falarmos nele.

O objetivo do presente artigo é analisar as contribuições de Cláudio Cardoso para a literatura de cordel no estado do Pará. Entendemos que essa contribuição pode ser visualizada a partir de dois vieses: o primeiro, destacando a sua atuação como agente mobilizador para que o cordel e os poetas pudessem ganhar um espaço nos eventos literários no estado, o que denominamos de trazer o cordel “das bordas” para o “centro”; em segundo lugar, destacamos que, mesmo tendo produzido poucos folhetos em sua trajetória, Cláudio Cardoso assumiu um papel de “porta-voz” do povo, denunciando o abandono da cidade de Belém pela prefeitura, dando assim uma continuidade na tradição de poetas no Pará que em seus folhetos abordam os “últimos acontecimentos” e fazem uma crítica social.

A literatura de cordel no Pará nas duas primeiras décadas do século XXI e a atuação de Cláudio Cardoso

No início do século XXI surge uma nova geração de poetas de cordel no estado do Pará. Alguns deles já produziam folhetos em anos anteriores, mas intensificaram a sua produção a partir dos anos 2000. Podemos citar nomes como Antônio Juraci Siqueira, Apolo de Caratateua, João de Castro, Ubiracy Conceição, Ducarmo Souza, Manoel Ilson Feitosa, Paulo Melo, João Bahia, Francisco Mendes, Arodinei Gaia, Mário Zumba, dentre outros. Uma característica é que boa parte desses poetas só passou a produzir cordel em idade mais madura. Um exemplo disso é o poeta Apolo Monteiro Barros, conhecido como Apolo de Caratateua, pernambucano radicado no Pará, que começou a escrever cordel somente por volta dos 50 anos de idade, frequentando oficinas de cordel que ensinavam as técnicas poéticas desta literatura.³ Outra característica é que a maior parte da produção destes poetas se dá de forma independente, em pequenas editoras, ou seja, os próprios poetas arcam com os custos da impressão do folheto.

³ Informações obtidas junto ao poeta, a partir de várias conversas que tivemos em eventos como a Feira Pan-Amazônica do Livro.

Um nome que não produziu tantos folhetos em termos quantitativos, mas possui uma importância enorme no contexto da literatura de cordel paraense nesse momento é Cláudio Cardoso de Augusto Costa (1962-2020). Em que pese os vários problemas de saúde que tinha e o fato de nos últimos anos ter que se locomover por meio de cadeira de rodas, nada disso impediu que Cardoso fosse o principal mobilizador dos poetas na produção e divulgação de suas obras, além do fato de por meio de sua atuação proporcionar um espaço cativo para o cordel paraense em eventos literários.



Cláudio Cardoso (1962-2020)

Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/cultura-paraense-perde-poeta-escriptor-e-militante-cultural-claudio-cardoso-para-a-covid-19-1.267643> Acesso em: 09 mai. 2024.

Cláudio Cardoso nasceu em Belém do Pará no ano de 1962. Viveu nos bairros do Marco, da Pedreira e no distrito de Icoaraci. Segundo relata seu filho Caio Cezar Soares, no documentário *No jardim do Seu Cardoso*⁴, desde cedo Cláudio se interessou pela leitura, inicialmente por histórias em quadrinhos. Mais tarde, devido às dificuldades financeiras, chegou a morar na Guiana Francesa. Após adquirir alguns recursos, voltou para Belém e começou a trabalhar com serigrafia, fazendo estampas de camisas, pinturas de faixas e de fachadas de estabelecimentos comerciais. Devido a um acidente de moto ficou por quase três anos acamado. Foi nesse período que começou a escrever. Passou a participar de alguns saraus na cidade de Belém e resolveu produzir seu primeiro livro, chamado *Simbiose*, um livro de poesias publicado de forma independente em 2006, com uma tiragem de 30 exemplares. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a).

⁴ *No jardim do Seu Cardoso* é uma *websérie* documental de quatro episódios produzido em 2021 sobre a vida e a obra de Cláudio Cardoso, destacando suas contribuições para a literatura paraense, principalmente a literatura de cordel. Conta com vários depoimentos de familiares e amigos, dentre eles poetas e escritores. Foi um Projeto contemplado no Edital de Multilinguagens da Lei Aldir Blanc SECULT / PA, com a direção do seu filho, Caio Cezar Soares. Os quatro episódios estão disponíveis no *Youtube*. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a; 2021b).

Outros autores ao verem o livro de Cláudio se interessaram e começaram a solicitar a ele que também fizesse a publicação de suas obras. Cardoso passou então a produzir livros de vários autores, dentre eles Francisco Mendes e Mário Zumba. Com essa demanda, criou a editora Cromos, uma editora de livros artesanais e de pequenas tiragens. Todo o trabalho era realizado na própria casa de Cláudio Cardoso, que tinha o apoio de seus filhos na atividade. Seu filho Caio Cezar Soares relata que Cláudio se envolvia no processo todo, acompanhando desde o processo de escrita até o dia do lançamento da obra. Mais tarde, Cardoso também participou das antologias “Poesias reunidas pelos mortais da vida”, organizada pelo Clube do Escritor Paraense, “Poesia do Brasil” – Volume 6 e “Poeta, Mostra a tua Cara”, volume 5, publicadas pelo Congresso Brasileiro de Poesia. Além de *Simbiose*, outros livros como *Filha do Oriente*, e *Sina Nordestina*. (Medeiros, 2017).

Em 2008, Cláudio Cardoso foi convidado para assumir um cargo na Fundação Curro Velho⁵ com o objetivo de estimular a produção de eventos literários no estado. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a). Essa experiência foi importante porque nela Cardoso passou a ter contato com agentes culturais do governo do Pará que atuavam na produção de eventos culturais e literários. Assim, a partir de 2011 ele se torna responsável pela organização do “Estande dos Escritores Paraenses” na Feira Pan-Amazônica do Livro.

Cláudio Cardoso teve importante participação na Feira Pan-Amazônica do Livro, evento literário que ocorre todos os anos na cidade de Belém do Pará, atraindo milhares de visitantes.⁶ Cardoso foi coordenador por vários anos do “Estande dos Escritores Paraenses”, espaço dentro da Feira voltado para a divulgação das obras dos autores regionais, inclusive de literatura de cordel. Neste espaço havia lançamento de livros de diversos gêneros e bate-papo com os autores. Assim, o Estande era um espaço de intensa circulação de escritores regionais

⁵ O Núcleo de Oficinas Curro Velho, voltado prioritariamente para um público de estudantes de escola pública, populações de baixa renda e comunidades tradicionais – quilombolas, indígenas, e ribeirinhas, alcança um atendimento médio de 12.500 pessoas/ano, dispondo de vários espaços, tais como: a Biblioteca “Carmen Souza”, a Praça da Beira, um teatro de arena e uma lojinha de produtos oriundos das oficinas. Mantém um ciclo de oficinas de iniciação em arte e ofício em diferentes linguagens – artes visuais, música, artes cênicas, e cursos de capacitação no Núcleo de Práticas de Ofício e Produção, possibilitando qualificar jovens e adultos para oportunidades de emprego e renda. Além disso, uma diversificada programação cultural mediante a realização de espetáculos cênicos e musicais, exposições, palestras, rodas de conversa e debates, compõe um calendário com atividades de culminância a cada final de módulo e, em especial, em três grandes momentos de diálogo mais intensivo com a comunidade em geral, quais sejam os referentes aos ciclos do Carnaval, das Festividades Juninas e do Natal. Disponível em: <https://www.fcp.pa.gov.br/currovelho/institucional> Acesso em: 15 abr. 2024.

⁶ A primeira edição da feira ocorreu em 1996, no espaço do Centur. Atualmente, ocorre no Hangar Centro de Convenções da Amazônia. Tem como finalidade promover a divulgação do livro enquanto instrumento pedagógico, educativo e informativo, fomentado um processo de mudança cultural. Além disso, tem o objetivo de oportunizar aos estudantes, pesquisadores, professores e a sociedade paraense em geral o conhecimento e aquisição dos mais modernos lançamentos e títulos da literatura e incentivar e fomentar o mercado editorial e livreiro do país. A Feira envolve ações ao longo do ano e culmina com o evento principal no período de maio a junho. Ver: Feira Pan-Amazônica do Livro. Disponível em: <http://setur.pa.gov.br/feira-pan-amazonica-do-livro> Acesso em: 25 mar. 2024.

e de leitores, o que fez Cardoso adquirir uma grande bagagem no espaço literário paraense, se tornando conhecido e possibilitar o surgimento de novos escritores, proporcionando que suas obras pudessem ter um espaço de divulgação importante.

Paralela à coordenação do Estande dos Escritores Paraenses, outra atuação importante de Cardoso na divulgação da literatura paraense, incluindo o cordel, se deu por meio da Banca do Escritor Paraense, uma barraca em que o poeta e sua esposa vendiam obras literárias aos domingos na Praça da República, em Belém. Era também um ponto de encontro dos poetas e deles com seus leitores, uma troca de experiências e aprendizagens. Cardoso, em entrevista à jornalista Luciana Medeiros, do blog *Holofote Virtual*, assim resume a importância da Banca:

A banca, segundo o cronista Raimundo Sodré, é nosso posto avançado, fora do evento literário anual da Pan-Amazônica e salões de livros. É uma forma de ter o livro, o escritor e muitos contatos todos os domingos na democrática Praça da República. Alguns lançamentos já aconteceram naquele espaço de um metro quadrado, que já existe há quatro anos e se tornou ponto de encontro de quem se interessa pela literatura Paraense. (Cardoso apud Medeiros, 2017).



Cláudio Cardoso na Banca dos Escritores Paraenses
(Medeiros, 2017).

O “Encontro de Cordelistas da Amazônia” e a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel

Ainda dentro da Feira Pan-Amazônica do Livro, destacamos aqui a iniciativa de Cláudio Cardoso, junto com outros poetas, de criar o “Encontro de Cordelistas da Amazônia”. Realizado desde 2011, este Encontro é feito tradicionalmente no penúltimo dia da Feira, em um sábado pela manhã, com palestras e declamações dos poetas. Geralmente a mesa de discussão era composta por Cardoso, João de Castro e Juraci Siqueira. Além deles, todos os anos o Encontro traz algum convidado. Na Feira Pan-Amazônica de 2017, por exemplo, o convidado foi o cantor Moraes Moreira, que lançou o livro *Poeta não tem idade*, com poesias de cordel. Este Encontro ocorreu de forma ininterrupta até o ano de 2019, já que em 2020 a

Feira Pan-Amazônica do Livro não foi realizada devido as restrições da pandemia da covid-19, com o Encontro voltando ao formato normal apenas em 2022. Infelizmente o Encontro de Cordelistas da Amazônia de 2019 também foi o último que teve a participação de Cláudio Cardoso, que faleceu aos 58 anos de idade em 2020 durante a pandemia da covid-19.⁷



Cláudio Cardoso no Encontro de Cordelistas da Amazônia em 2019
Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/14715/> Acesso em: 09 mai. 2024.

A trajetória do “Encontro de Cordelistas da Amazônia” é narrada no folheto *Cordeis e Cordelistas* (Cardoso; Zumba, s/d), que trazia também a poesia “Memorial Encontro de Cordelista”, produzido por Cardoso e pelo poeta Mário Zumba. Os poetas nos explicam que a ideia para a criação do Encontro se deu a partir de uma sugestão do pesquisador Vicente Salles, durante a realização de uma Feira do Livro, como forma de dar mais visibilidade à literatura de cordel paraense. Cardoso e Zumba assim explicam o processo:

Começou essa babel
A pedido de um bamba
Que viu qu’isso dava samba
Ou melhor dava cordel
Mestre Salles pegou gosto
Isso foi um mês de agosto
E botaram no papel.

Juntaram-se os poetas
Na feira lá do Hangar
Resolveram começar

⁷ A esposa de Cláudio, Darah Cardoso, fez uma carta em homenagem ao esposo. Ver: “Meu companheiro tinha sede de viver e só uma condição: dizia que eu estava proibida de morrer antes dele”. El País. 09 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-09/meu-companheiro-tinha-sede-de-viver-e-so-uma-condicao-dizia-que-eu-estava-proibida-de-morrer-antes-dele.html> Acesso em: 12 abr. 2024.

Expuseram suas metas
De resgatar o passado
Buscar novo aprendizado
Fazer novas descobertas. (Cardoso; Zumba, s/d, p. 5).

Após relatarem os convidados do Encontro a cada ano, como José Guilherme Fernandes, João de Jesus Paes Loureiro, Antônio Abreu, Aderaldo Luciano, Izaias Gomes de Assis, Chico Pedrosa e Lourival, além dos alunos da cidade de Ourém, Seu Cardoso e Zumba encerram o folheto mandando um abraço aos leitores.

A criação do Encontro de Cordelistas dentro da Feira Pan-Amazônica do Livro foi fundamental para o cordel produzido no Pará ganhar espaço de divulgação. Além da divulgação em si dos poetas e seus folhetos, este espaço é importante para se estabelecerem parcerias e estimular o interesse de novos leitores e pesquisadores. Não por acaso, uma das ações que ocorrem todos os anos é a de convidar alunos de escolas públicas para que conheçam os poetas e sua produção.

O Encontro de Cordelistas também é importante para que se tenha o reconhecimento do cordel como uma forma de literatura que também merece ter o seu espaço. Nesse ponto, a atuação de Cláudio Cardoso foi fundamental como articulador da realização dos encontros, providenciando o convite aos convidados de cada ano. O poeta cordelista Apolo de Caratateua, em depoimento no documentário *No jardim do Seu Cardoso* assim resume a atuação de Cardoso:

A articulação do Cláudio era muito intensa. Inclusive ele trouxe um senhor que era historiador de cordel de Portugal, seu eu não me engano o nome dele é Antônio [Abreu]. A gente se encontrou no Ver-o-Peso, a gente tomou um açaí lá e foi quando até que eu soube que o cordel não tem mais essa intensidade, o cordel tá mais intenso aqui que no Portugal, que lá que foi o lançamento do cordel. (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Por fim, consolidando a sua atuação no cordel paraense, Cláudio Cardoso idealizou a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC). A APLC foi fundada em 9 de janeiro de 2018, tendo Cláudio Cardoso como o seu primeiro presidente e o poeta Francisco Mendes com o cargo de vice-presidente. Inspirada na Academia Brasileira de Letras, a função da academia era reunir os poetas de cordel do Pará, estimular a produção de cordel e difundir a cultura da literatura de cordel, principalmente nas escolas. A APLC ganhou um símbolo que representava a cultura paraense e cada membro “imortal” passou a utilizar uma farda especial.



Símbolo da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=511738429444497&set=ecnf.100071909891942&locale=pt>
BR Acesso em: 09 mai. 2024.

Apolo de Caratateua reforça o papel de Cardoso na criação da APLC:

E o Cláudio era muito ligado nessa questão e teve essa ideia de fazer a Academia Paraense de Literatura de Cordel, foi ele o idealizador e fez acontecer. Hoje eu me tornei participante porque eu fiquei com a cadeira número quatro. O patrono é Antônio Tavernard. Mas fizemos com muito trabalho, houve o lançamento, fizemos a nossa toga, todo alinhado, muito bacana. (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

A ideia para a criação da Academia surgiu durante as várias edições do Encontro de Cordelistas, como aponta Francisco Mendes:

Esse [Cláudio Cardoso] foi um lutador, um batalhador incessante pra cultura do cordel, pra gente ter o cordel como o cordel é hoje. Hoje a gente já tem acesso às escolas, universidades. A gente tem feiras, organizamos a academia. E a academia se formou referente a esse encontro, tanto é que aqui ele [Cláudio Cardoso] falou: “não, mas a gente precisa se juntar, a gente precisa se unir, a gente precisa formar uma academia. (Mendes apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

O poeta Antônio Juraci Siqueira também relaciona a criação da APLC com as edições do Encontro de Cordelistas: “Foi aí que começou justamente a semente pra criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Justamente porque começou a vir cordelistas de várias partes do Pará.” (Siqueira apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b). O poeta Hugo Caetano aponta a importância de Cardoso relacionando com a história da literatura de cordel no Pará:

O Cláudio foi o cara que construiu esse encontro e mudou a cena de cordel. Eu fico feliz de estar tão próximo dele assim porque a gente trocava muito assim [ideias]. Ele falava que queria formar um público leitor de cordel, ele queria fazer. E aí eu tinha estudado na FIBRA [Faculdade Integrada Brasil Amazônia], fazia História, eu tinha tido um orientador que estudava cordel que era o Geraldo, Geraldo [Magella

de Menezes] Neto [pesquisador do cordel paraense], e a aí eles acabaram se aproximando numa feira, eles se aproximaram, o Cláudio e o Geraldo, aí que o Cláudio vai focar mais na questão da academia, de resgatar mesmo o cordel, que tem a história da editora Guajarina, toda a história da cena de cordel em Belém, que no século XX a gente teve a segunda maior editora de cordel do Brasil até a década de 50. E eu acho que a cena do cordel volta novamente forte já com o Cláudio Cardoso e o Encontro de Cordelistas da Amazônia e depois com a criação da Academia de Cordel, que ele vai interiorizar a Banca do Escritor Paraense, ele vai interiorizar também a literatura de cordel, tem muitos cordelistas no interior. (Caetano apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Além da busca pela institucionalização do cordel paraense, Cláudio Cardoso também foi reconhecido pelos seus pares como um grande incentivador da produção de cordel, editando vários folhetos de poetas paraenses na sua editora artesanal Cromos. Apolo de Caratateua relata que Cardoso “estimulava as pessoas que estavam querendo fazer cordel, que estavam querendo fazer alguma coisa, ele sempre estimulava para a pessoa desenvolver o trabalho. Isso foi muito bom e o Cláudio deixou esse legado” (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Esse incentivo também era demonstrado com a preocupação com o rigor da métrica da poesia de cordel, ou seja, antes de publicar o folheto, Cardoso se preocupava em fazer uma revisão das estrofes e dos versos do poeta para verificar se estava seguindo as normas poéticas da literatura de cordel. Para este trabalho, convidou o poeta Mário Zumba, que se tornou uma espécie de revisor dos folhetos que a editora de Cardoso publicava, conforme relato do próprio Zumba:

O Cláudio quando ia publicar algum cordel de algum outro poeta ele me mandava. Se o cara não permitisse, mas ele me mandava no *e-mail* em silêncio. “Zumba, dá uma olhada no cordel, dá uma olhada nessa rima, nessa métrica, vê como é que tá, ajeita alguma coisa se estiver fora”. Sempre tinha alguma coisa fora da métrica, eu ajeitava, ele também com jeito ia com o autor e explicava, as pessoas sempre aceitavam. Quando houve o *boom* assim do cordel, dele lançar vários livros, eu fiquei sendo o corretor oficial da métrica. (Zumba apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Como podemos perceber, Cláudio Cardoso assumiu várias funções no âmbito da produção e divulgação da literatura de cordel no Pará. Além de ser autor, o que será comentado no próximo tópico deste artigo, podemos identificar Cardoso como editor, revisor e vendedor de folhetos, em suma, uma espécie de “intermediário” na circulação dos folhetos. O termo “intermediário” da literatura é utilizado aqui baseado nas pesquisas de Robert Darnton sobre a produção de livros na França do século XVIII. (Darnton, 1990). Os intermediários foram personagens importantes no sistema que fazia o livro chegar até o leitor. Contudo, “a maioria das pessoas que fizeram funcionar esse sistema desapareceu da história literária.” Assim, os historiadores “poderiam ampliar sua concepção, de modo a incluir algumas figuras pouco

familiares – trapeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros, e até leitores.” (Darnton, 1990, p. 132).

Nessa perspectiva, Cláudio Cardoso foi um importante agente que possibilitou que os folhetos de cordel dos poetas paraenses chegassem aos leitores do Pará nas duas primeiras décadas do século XXI. Seja na Feira Pan-Amazônica do Livro ou na sua Banca do Escritor Paraense, estes folhetos ganharam um espaço de divulgação e um ponto de contato entre autores e leitores. Mais do que isso, contribuiu para o reconhecimento do cordel em um espaço no principal evento literário no Pará, que é a Feira Pan-Amazônica do Livro, com o Encontro de Cordelistas da Amazônia e a criação da APLC.

Entendemos que as ações de Cardoso foram fundamentais para trazer a literatura de cordel das “bordas” para o centro. Segundo Jerusa Pires Ferreira, a ideia de cultura das bordas foi sendo construída “a partir da consideração de espaços não canônicos, trazendo para o centro da observação, os chamados periféricos, privilegiando segmentos não institucionalizados.” (Ferreira, 2010, p. 11). A cultura das bordas pode ser um “contracânone”, “a deslocação permanente do que passa a ser considerado.” (Ferreira, 2010, p. 11). A ideia das bordas foi ainda para tentar dizer que, em espaços não consagrados do mundo urbano, se desenrola toda uma cultura que absorve e é absorvida, criando regiões imantadas que nos permitem pensar em temas, autores, textos a pedir sempre novos parâmetros de avaliação, em regime de movimento e descoberta. (Ferreira, 2010, pp. 12-13).

A ideia de cultura das bordas não se trata de um conceito de cultura estanque, cristalizada, mas uma cultura dinâmica, em movimento, em várias formas de relação e circulação, daí a nossa interpretação de que a trajetória de Cláudio Cardoso se relaciona a essa ideia. Pois a sua atuação no evento que representa o centro do cânone literário paraense, que é a Feira Pan-Amazônica, representa várias estratégias de trazer reconhecimento a uma cultura que hoje já não pode ser descrita meramente como “popular” ou folclórica”, conceitos importantes, mas que dependendo de quem o utiliza pode classificar, estigmatizar ou trazer um aspecto de exotismo que acaba muitas vezes por inferiorizar o cordel frente a outros gêneros literários. Nesse olhar, Ferreira indica que “não se tratava e nem se trata ainda de referir tão somente ao mundo periférico, mas de perceber a maneira pela qual a cultura se processa nesse mar de possíveis, fazendo circular segmentos e estratos, os mais diversos, em permanente relação.” (Ferreira, 2014, p. 141).

Frederico Fernandes observa que a cultura de bordas trata-se de uma cultura contígua à grande indústria de massas, não se definindo plenamente com o *folk*, mas mantendo com ele evidentes relações de trocas. A cultura das bordas dirige-se a públicos moventes nas grandes cidades, tem no espaço urbano contemporâneo o entroncamento privilegiado de

temporalidades, modos de vida e campos de interesse variados. (Fernandes, 2016, p. 216). Valéria Guimarães destaca a singularidade da literatura de cordel, sua produção e consumo, como uma produção que exemplifica melhor a ideia de cultura das bordas, difundida inicialmente por Jerusa Ferreira, sendo uma operação de apropriação da produção letrada externa às instituições oficiais, de matriz oral e de resposta a uma demanda já existente do mercado editorial voltado ao consumo da maioria, uma “tramoia”, um rearranjo que torna comercializável o que antes se apresentava esquecido, desgastado ou marginal. Ou melhor, das bordas. (Guimarães, 2022, p. 35).

Além de trazer o cordel paraense das “bordas” para o “centro”, Cardoso também deu sua contribuição como autor de folhetos. Destacaremos a seguir sua produção, especialmente os folhetos relacionados a crítica social.

O poeta Seu Cardoso

Como dissemos anteriormente, Cláudio Cardoso, assim como outros poetas paraenses do século XXI, passou a escrever cordel já em uma idade mais madura. Segundo informações presentes nas quartas-capas de seus folhetos, Cardoso teve contato com o cordel a partir das obras do poeta Jessier Quirino. Não sabemos a data exata de quando isso ocorreu, os folhetos informam vagamente que ele “aventura-se pelo cordel como declamador, uns oito anos.” (Cardoso, s/da; Cardoso, s/db; Cardoso; Zumba, s/d). Como os folhetos de Cardoso não registram a data de publicação, podemos supor que esse contato do poeta com a literatura de cordel se iniciou no final dos anos 2000 e início da década de 2010.

Dessa maneira, a produção do poeta na literatura de cordel se deu num espaço de poucos anos, no máximo em uma década, haja vista que ele faleceu no ano de 2020, o que fez com que ele tivesse publicado poucos folhetos. Em 2017, na mencionada entrevista ao portal “Holofote Virtual”, ele afirmou que publicou naquele ano “oito livretos dos mais variados assuntos, sempre primando pelo humor e pela crítica social.” (Cardoso apud Medeiros, 2017). Em seus folhetos, Cláudio Cardoso se apresentava como “Seu Cardoso”, talvez uma forma de relacionar o modo como era conhecido na oralidade e facilitar a identificação pelos leitores.

Na quarta-capa de *Belém dos Tapumes* podemos identificar alguns títulos de folhetos de Cardoso:

Outras obras do autor:

- Entre a farsa e a trapaça no reino da Zenaldolândia
- A Peleja (co-autoria com Mário Zumba)
- O Rasga Moeda
- Cordeis & Cordelistas
- Eu falo brasileiro
- Ode ao Xiri relampeando. (Cardoso, s/db).

Pelo que podemos perceber nos títulos, Seu Cardoso escreveu sobre temas diversos, desde folhetos de crítica social, de peijas e de histórias de humor. Seus dois folhetos de crítica social, em que se posiciona contra as ações e omissões da prefeitura de Belém são *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia* (Cardoso, s/db) e *Belém dos tapumes* (Cardoso, s/da). Os dois folhetos não indicam a data de publicação, mas acreditamos que eles são do ano de 2017, levando em conta a entrevista de Cardoso ao portal “Holofote Virtual” e também pelo fato de se ter referências nos folhetos à reeleição do prefeito Zenaldo Coutinho, o que ocorreu em 2016.

A crítica social nos folhetos de Seu Cardoso

No folheto *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia*, Seu Cardoso faz uma crítica ao governo do prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho (2013-2020), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) por conta do abandono da capital paraense. O poeta compara o governo do prefeito à uma “Disneylândia”, ou seja, um “país de faz de conta”, denominado pelo poeta de “reino da Zenaldolândia”. A capa deste folheto é uma sátira humorística, com uma caricatura do prefeito, retratado como uma criança com uma coroa de rei, sentando no trono acompanhado de ursinhos de pelúcia e chupetas.

Imagem 5: Capa do folheto *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia*



(Cardoso, s/db).

A característica desse governo “de faz de conta” é a farsa e as várias promessas que o prefeito fazia:

E o rei só prometia
Que tudo vai melhorar
E a vida abrandar
Com o fim da agonia
E o povo acreditava
O rei se perpetuava
No poder com alegria. (Cardoso, s/db, p. 2).

Seu Cardoso aponta que o governo da “Zenaldolândia” era sustentado pela distribuição de cargos públicos de livre nomeação, os chamados “DAS” (Diretoria de Assessoramento Superior), que aceitavam tudo o que o governo fazia em troca de benesses. Outro meio de sustentação do governo indicado pelo cordelista é a compra de juízes e desembargadores, o que impedia uma investigação sobre as irregularidades do prefeito:

Montou logo sua corte
Toda sorte de pidão
Todos estendo[sic] a mão
Era um caso de morte
Eram os tais dos DAS
Todos querendo benesse
Roubalheira de toda sorte. (Cardoso, s/db, p. 2).

O dinheiro compra tudo
Juiz e desembargador
Olhe bem aqui doutor
Eu não sou um linguarudo
É o jogo do poder
Tô falando pode crê
Do Brasil, é mal agudo. (Cardoso, s/db, p. 3).

Toda a farsa montada pelo prefeito na “Zenaldolândia” na verdade esconde uma realidade bastante diferente na cidade de Belém. Seu Cardoso aponta as obras do BRT, de pistas para circulação rápida do transporte público, “que nunca se terminava”; a periferia que “na pobreza se jazia”; a “violência sem controle”. (Cardoso, s/d, pp. 2-7). Apesar de isso tudo ser responsabilidade das “maldades” do prefeito, o poeta também atribui uma responsabilidade desta situação à população de Belém, que mesmo sabendo dos problemas na cidade, reelegeu Zenaldo Coutinho para mais quatro anos de mandato⁸:

Nessa terra de bonança
Onde o pobre eleitor
Paga o pato com louvor
Sonha e tem esperança
Mas escolhe o errado

Não se informa o coitado
E acaba na lambança. (Cardoso, s/db, p. 4).

Como poeta eu penso
Que tudo isso merecemos
Pois bem rápido esquecemos
Daquele desvio tenso
Falcatruas do passado
Casos que foi abafado
Deu em nada, foi suspenso. (Cardoso, s/db, p. 5).
Quatro anos mais ganhamos

⁸ Zenaldo Coutinho foi reeleito nas eleições municipais de 2016, com 52,33% dos votos, contra 47,67% dos votos do candidato Edmilson Rodrigues, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Ver “Zenaldo Coutinho, do PSDB, é reeleito prefeito de Belém.” G1 PA. 30 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/eleicoes/2016/noticia/2016/10/zenaldo-coutinho-do-psdb-e-reeleito-prefeito-de-belem.html> Acesso em: 10 abr. 2024.

Pelo voto mal pensado
Por não saber os coitados
O quê fora nos jogamos
Sempre uma oportunidade
De mudar essa Cidade
Outra vez nós nos ferramos. (Cardoso, s/db, p. 7).

As críticas ao poder público no governo de Zenaldo Coutinho são novamente retomadas no folheto *Belém dos tapumes*. A capa deste folheto traz uma fotografia do Bar do Parque, localizado na Praça da República em Belém, cercado por tapumes durante a sua reforma.

Imagem 6: Capa do folheto *Belém dos tapumes*



(Cardoso, s/da).

O poeta demonstra lamento pela situação da cidade de Belém, descrevendo a cidade como “arrasada”:

Minha cidade adorada
Tão cantada e festeira
Vou contar-te por inteira
Nessa rima elaborada
Um local que tudo teve
E esse cordel descreve
A cidade arrasada. (Cardoso, s/da., p. 3).

Seu Cardoso não critica as reformas em si, mas a demora na entrega das poucas obras que são realizadas:

Mas o papo é tapume
Escondendo a beleza
Expondo a safadeza
Dessa gente azedume
E Belém virou canteiro
Atirada no lameiro
De viver nesse ardume. (Cardoso, s/da., p. 3).

Mas o quê será que há
Atrás de tanta coberta?
A história é incerta
Quê futuro restará?
Tanta obra infindável
Essa Rotina irritável
Queremos que acabe já. (Cardoso, s/da., p. 3).

Em *Belém dos tapumes*, Seu Cardoso também aborda o abandono do patrimônio histórico e das praças da cidade. Cabe ressaltar que a produção do folheto está relacionada ao contexto das comemorações dos 400 anos de fundação da cidade de Belém (1616-2016), ocasião que certamente fez o poeta comparar o passado com o presente na gestão de Zenaldo Coutinho. O poeta lamenta que o encanto da cidade foi embora por causa da omissão do poder público, com as boas lembranças ficando só na memória:

A cidade um bagaço
O encanto foi embora
As lembranças de outrora
Reduziu o seu espaço
Tanto tapume lhe enfeia
Causando vergonha alheia
Condenada ao fracasso. (Cardoso, s/da., p. 3).

Um passeio na história
Desses quatrocentos anos
Não se tinha tantos danos
O que temos na memória
A Belém que tudo tinha
Agora ficou mesquinha
Numa triste trajetória. (Cardoso, s/da., p. 4).

Seu Cardoso denuncia vários locais abandonados em Belém por causa da omissão do poder público municipal. Dentre os locais citados estão o Bar do Parque, o Mercado de São Brás, a Praça do Operário, o Mercado do Ver-o-Peso, e as ilhas de Belém, como Mosqueiro e Outeiro:

Meu glorioso São Brás
Que será do teu mercado
Triste, sujo, abandonado
São coisas que não se faz
Depois dessa internada
O que sobra é quase nada
Teu futuro é fugaz? (Cardoso, s/da., p. 5).

Em falar do Ver-O-Peso
Que já foi cartão postal
Nunca se viu tão mal
Que já não passa ileso
Sem administração
Por ninguém lhe dá a mão
Que não me deixa surpreso. (Cardoso, s/da., p. 7).

Entendemos que Seu Cardoso representa uma continuidade de poetas que se veem como um porta-voz do povo, aquele que se utiliza de seu dom poético para denunciar as mazelas sofridas pelos mais pobres. Cardoso estava preocupado com o abandono de Belém no governo de Zenaldo Coutinho e resolveu se manifestar apontando os principais problemas da cidade que não eram resolvidos pelo prefeito.

Os folhetos de Cláudio Cardoso de crítica social também podem ser vistos como uma forma de “jornalismo popular”, pois o poeta faz denúncias contra o descaso do poder público, o que prejudica a população de Belém. Joseph Luyten denomina de “jornalismo popular” os folhetos noticiosos da literatura de cordel que tem o objetivo de informar a população. Segundo Luyten, o público confia no poeta, no que ele escreve, pois o poeta convive com as camadas populares, partilha da mesma realidade. (Luyten, 1992).

Considerações finais

Buscamos neste artigo demonstrar a importância de Cláudio Cardoso para a literatura de cordel no Pará. Sujeito de múltiplas facetas, torna-se difícil tentar entender a sua trajetória a partir de conceitos ou esquemas pré-estabelecidos. O caminho mais viável é perceber sua atuação e proatividade enquanto também um sentimento e convicção própria de querer viabilizar o fortalecimento da cultura do cordel.

Na literatura Cláudio se encontrou e no cordel Cláudio permaneceu como um bravo lutador em defesa de uma causa, a de trazer o cordel paraense das bordas para o centro e também de, por meio de seus folhetos, ser um porta-voz do povo que sofria com as mazelas de uma gestão municipal ausente.

Infelizmente, Cardoso foi uma das mais de 700 mil vítimas da covid-19 no Brasil, na gestão irresponsável e criminoso do governo de Jair Bolsonaro. Sua vida se foi, mas seus folhetos e suas ações como o Encontro de Cordelistas e a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel irão permanecer como seu belíssimo legado.

Referências

Folhetos de cordel

CARDOSO, Seu. *Belém dos Tapumes*. Belém: Cromos Editora, s/da.

CARDOSO, Seu. *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia*. Belém: Cromos Editora, s/db.

CARDOSO, Seu; ZUMBA, Mário. *Cordeis e Cordelistas*. Belém: Cromos Editora, s/d.

Sites

MEDEIROS, Luciana. Cláudio Cardoso: o cordel na Feira Pan Amazônica. *Holofote Virtual*. 13 mai. 2017. Disponível em: <http://holofotevirtual.blogspot.com/2017/05/claudio-cardoso-o-cordel-na-feira-pan.html> Acesso em: 09 mai. 2024.

NO JARDIM DO SEU CARDOSO. Episódio 01. Direção Caio Cezar Soares. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwaPu32JTA> Acesso em: 09 mai. 2024.

NO JARDIM DO SEU CARDOSO. Episódio 03. Direção Caio Cezar Soares. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1pG9WsBLLQ> Acesso em: 09 mai. 2024.

Bibliografia

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERNANDES, Frederico. A aflição insistência: pensamento crítico cultural e teoria das bordas. *Légua & Meia*: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, Ano. 14, n 7, 2016, p 215-225.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura das Bordas*: Edição, Comunicação, Leitura. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Projeto e atitudes*: os vinte e cinco anos de *Bordas*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 139-142, jul-dez. 2014.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Grand Guignol de Papel: Cultura Midiática e Cultura das Bordas nos *Faits-Divers*. *Revista Sentidos da Cultura*, vol. 09, n. 16, p. 31-40, jan./jul. 2022.

LUYTEN, Joseph. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9. p. 87-108.

SALLES, Vicente. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALLES, Vicente. Introdução. In: VICENTE, Zé (1898-1975). *Zé Vicente*: poeta popular paraense. São Paulo: Hedra, 2000.

Sobre o autor:

Geraldo Menezes Neto

Doutor e Mestre em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em História (Bacharelado/Licenciatura) na UFPA. Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém-PA (SEMEC). Professor de História e Estudos Amazônicos da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC).

Recebido: 12/06/2024

Aprovado: 29/07/2024